A massa como o princípio de uma nova sociedade: A filosofia de organização social do Socialismo Utópico

The mass as the beginning of a new society: The philosophy of social organization of Utopian Socialism

Rafael Duarte Oliveira Venancio¹

Resumo

O presente artigo deseja mostrar que, para os principais autores do Socialismo Utópico, o conceito de massa é o princípio de organização para a sociedade politicamente desejada. Através da análise comparativa entre as ideias de Conde de Saint-Simon, Charles Fourier e Robert Owen, é possível notar que, para essa corrente de pensamento, a massa existe aqui ora como representante da forma social que os pobres devem estar para buscar sua emancipação social, ora como encarnação simbólica da cooperação, a verdadeira sabedoria social tal como é bem sintetizado pelo pensamento oweniano.

Palavras-chave: Organização Social, Massa, Conde de Saint-Simon (1760-1825), Charles Fourier (1772-1837), Robert Owen (1771-1858)

Abstract

This article is to show that, for the main authors of the Utopian socialism, the concept of mass is the organizing principle for the politically desired society. Through a comparative analysis between the ideas of Saint-Simon, Charles Fourier and Robert Owen, we can see that, to this school of thought, the mass is either as representative of the social order that the poor should be to seek their emancipation social, or as symbolic incarnation of cooperation, the true social wisdom, as is well summarized by Owenian thought.

Keywords: Social Organization, Mass, Saint-Simon Earl (1760-1825), Charles Fourier (1772-1837), Robert Owen (1771-1858)

O Socialismo Utópico não é uma reação ao Liberalismo do século XIX e vice-versa. Essas duas linhas de pensamento se desenvolvem concomitantemente durante a

¹ Doutor em Meios e Processos Audiovisuais pela Universidade de São Paulo (USP). É Professor do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

Era das Revoluções tal como dois braços antagônicos. No entanto, há uma grande diferença que pode demarcar o terreno de cada um.

Apesar do Liberalismo ter grandes figuras econômicas em suas fileiras, é um movimento com raízes políticas que se vira para o econômico graças ao desenvolvimento da Revolução Industrial. Já os socialistas utópicos fazem o caminho inverso, principalmente os saint-simonianos que, tal como Walter Benjamin coletou nas *Passagens*², são uma “escola constituída por um verdadeiro corpo de engenheiros e empresários industriais, grandes homens de negócios, apoiados pelo poder dos bancos”, que se vira para a política (PINLOCHE *apud* BENJAMIN, 2006, p. 617).

Ora, esses empresários perceberam que “ao penoso desenvolvimento da grande indústria corresponde o lento processo de formação do proletariado moderno... A proletarização propriamente dita... das massas operárias consoma-se apenas por volta do fim dos anos [18]30 e nos anos [18]40” (SPÜHLER *apud* BENJAMIN, 2006, p. 615).

Essas características eram comuns aos seguidores de Saint-Simon – nascido Claude Henri de Rouvroy, conde de Saint-Simon – mas não àquele que alcunha o movimento. Saint-Simon era um membro mais jovem da aristocrática família do duque de Saint-Simon. Pouco se sabe, factualmente, de sua criação – apesar dele alegar que sua educação foi dirigida pelo próprio D’Alembert – mas, acredita-se que ele, aos 16 anos, participou do processo revolucionário da Independência dos Estados Unidos.

No final da década de 1810, Saint-Simon funda o jornal e seus textos de cunho socialista – a ele é atribuída a invenção da palavra “socialismo” – fazem sucesso nos salões parisienses. Não demorou muito para formar uma seita de seguidores. Segundo o marxista Paul Lafargue (*apud* BENJAMIN, 2006, p. 619), citação coletada por Walter Benjamin nas *Passagens*, “a classe capitalista... considerava seus adeptos como meros excêntricos ou fanáticos inofensivos (...) por exemplo, os saint-simonianos abotoavam seus hábitos nas costas, para que ao vesti-los fossem obrigados a pedir ajuda a um companheiro, sendo lembrados, dessa maneira, da necessidade de união”.

Assim, os “pais” do socialismo utópico tinham um quê de facção religiosa, tal como aqueles pregadores da miséria na Idade Média, que viam – talvez com olhos de piedade – na massa uma ampla positividade. No entanto, não defendiam uma luta pela

2 *Passagens* [*Das Passagen-Werk*] é a *magnus opus* inacabada de Walter Benjamin. A versão que temos conosco é formada por fragmentos contidos em anotações do autor – na sua maioria, citações de outros livros – que foram organizados por Rolf Tiederman em 1982. Assim, a utilizamos mais como fonte de referências do que como fonte de linha de pensamento.

ampliação do poder da massa ou, até mesmo, pela retomada da massa do poder político, tal como aqueles antigos defensores da sabedoria das massas.

Isso fica claro em um trecho do jornal *Le Globe*, sob direção saint-simoniana, sobre a revolta operária de Lyon em 1831. Nele, ao falar sobre a classe dos operários revoltosos, o jornal afirma que “é doloroso para nós vê-la degradar-se por sua brutalidade. Nosso coração sangra diante do espetáculo dessas misérias morais, diferentes das misérias físicas, mas tão terríveis quanto elas” (*apud* BENJAMIN, 2006, p. 624).

A massa vira ideal para os saint-simonianos. Assim, eles afirmam no jornal *Le Bôhème*, o *Journal Non Politique* [Jornal Não-Político]: “já não somos mais *L’Elan*, *L’Étoile* ou *Le Feu Follet* [O Ímpeto, A Estrela, O Fogo-fátuo], ... mas somos *Le Cadet-Roussel*, *Le Sans le Sou*, *Le Terre Promise*, *L’Enfant Terrible*, *Le Paria Dramatique* ou *Le Bôhème* [O Tolo Soldado, O Sem Tostão, A Terra Prometida, A Criança Problema, O Pária Dramático, O Boêmio]” (*apud* BENJAMIN, 2006, p. 627).

O interessante é que, talvez pela primeira vez no conceito de massa, os saint-simonianos incluem dentro do conceito diversas “massas” – desde as classes médias até o lumpemproletariado e outros párias sociais – montando um dos conceitos de massas mais abrangentes.

O próprio Walter Benjamin (2006, p. 621) comenta que há “uma diferença notável entre Saint-Simon e Marx. O primeiro amplia do modo mais abrangente possível o número dos explorados, incluindo entre eles, até os empresários, uma vez que estes pagam juros a seus credores”. Por isso que o *Le Globe* chega a se automencionar como “defensores de TODOS os trabalhadores, dos diretores de indústria assim como dos operários mais humildes” (*apud* BENJAMIN, 2006, p. 624).

Tal como o *Le Globe* mencionou, a abordagem dos saint-simonianos da massificação é moral. Michel Chevalier, em *Religion Saint-Simonienne* – um panfleto que cobrava a erradicação do cólera –, afirma que “só há um meio de erradicar o cólera: agir sobre as massas no aspecto moral. Qualquer pessoa de situação moral satisfatória não tem nada a temer diante da calamidade... Existe hoje uma forma de provocar nas massas uma excitação moral que as eleve... É preciso... medidas extraordinárias” (*apud* BENJAMIN, 2006, p. 630)³.

3 Na época, acreditava-se que o cólera era uma doença moral. Walter Benjamin (2006, p. 639) relata que “durante as epidemias de cólera, as pessoas atribuíram aos vendedores de bebidas alcólicas a culpa pela infecção”. Não que a epidemia fosse algum tipo de castigo pela imoralidade, mas sim que a imoralidade proporcionava hábitos que ajudavam na transmissão da doença.

Vemos assim uma abordagem única: uma visão indiscutivelmente moral das massas, em detrimento a uma abordagem sociopolítica ou mesmo cultural. Assim o vértice do conceito de massificação saint-simoniano se descola por uma esfera nunca antes analisada.

Ora, observamos aqui o vislumbre de uma ampla participação moral⁴ das camadas não pertencentes às elites. Talvez, também, por uma primeira vez, essa participação das primeiras deveria ser impulsionada pelas últimas, ou pelo menos, por figuras vanguardistas da última. Em um romance da época, vemos a figura do viajante como um pioneiro do progresso: “Ao longo de toda sua estrada, o viajante semeou as riquezas de seu coração e de sua imaginação, oferecendo a todos uma boa palavra,... encorajando o trabalhador, tirando da rotina o ignorante... e reerguendo o humilhado” (GASTINEAU *apud* BENJAMIN, 2006, p. 630-1).

É no socialismo utópico que surge no vislumbre da participação das massas, uma vanguarda da elite que adota uma atitude ambígua ao renegar suas origens e se identificar com os párias sociais. Essa prática é distinta daquela praticada pelos *populares* em Roma, pois, ao serem formados principalmente por tribunos da plebe, precisavam ser de origem popular – ou renegar verdadeiramente seu *status* aristocrático tal como fizera Clódio.

Assim, se institui um contato direto entre as elites e as camadas não pertencentes a elas “em degraus”. Ou seja, há sim uma elite antagonica, mas também há aquela elite que se identifica com a massa e busca, no caso saint-simoniano, elevá-la moralmente, como forma de reduzir suas misérias.

A principal forma desse contato direto, especialmente com o “degrau” mais próximo estava no âmbito de uma Comunicação Social, na figura da Imprensa, unindo essas duas bases do vértice do conceito de massificação. Isso, de certa forma, preocupava as elites propriamente ditas.

O próprio Walter Benjamin (2006, p. 622) comenta que, na época, “devido à raridade dos jornais, eles eram lidos por várias pessoas nos cafés (...). Aliás, tanto os liberais quanto os monarquistas tinham interesse em manter as camadas inferiores longe dos jornais”. Já os saint-simonianos, na luta vanguardista pela massa, articulavam o caminho contrário. “Calcula-se que, de 1830 a 1832, os saint-simonianos tenham

4 Utilizamos o termo *moral* por causa de seu uso nos documentos na época, no entanto, tal como previamente identificamos na nota anterior, o termo bem poderia ser trocado por *educacional*, devido ao caráter amalgamático da doutrina vanguardista saint-simoniana que misturava iluminação científica com progresso juntamente com um quê de espiritualidade. Isso, de certa forma, causa ruído à concepção “comum” de *moral*, mas mesmo assim mantemos o seu uso no presente trabalho.

distribuído para o público 18.000.000 de páginas impressas” (cf. BENOIST *apud* BENJAMIN, 2006, p. 638).

Assim, Saint-Simon e seus seguidores proporcionam uma massificação ambígua que alterna entre uma admiração à massa – com um quê de “sabedoria das massas” – e um projeto vanguardista de iluminação delas. No entanto, a massificação saint-simoniana não é unânime dentro do socialismo utópico.

Em uma análise tradicional do socialismo utópico, passaríamos de Saint-Simon para Charles Fourier. No entanto, não podemos dizer que exista um conceito de massificação em Fourier, até mesmo a palavra é praticamente inexistente no conjunto de seus textos.

A utopia fourierista toma a sociedade como um todo na figura do falanstério, uma comunidade cooperativa de 1620 pessoas (um homem e uma mulher de cada tipo de caráter identificado por Fourier) reunidas dentro de um amplo edifício. Segundo Walter Benjamin (2006, p.55) – na sua *exposé* de 1939 sobre o que seria as *passagens* de 1939 – “o falanstério deveria reconduzir os homens a um sistema de relações no qual a moralidade não rinha mais nada a fazer. Nero se tornaria nele um membro mais útil à sociedade que Fénelon. Fourier não pretende, para tanto, pautar-se pela virtude, mas por um funcionamento eficaz da sociedade cujas forças motoras são as paixões”.

Assim, a comunidade seria impulsionada pelas paixões, mais precisamente 810 paixões representadas por cada casal. Então, “pode-se caracterizar o falanstério como um maquinaria humana. Isto não é uma recriminação, e nem se pretende fazer alusão a nada de mecanicista; a expressão designa apenas a grande complexidade de sua estrutura. O falanstério é uma máquina feita de homens” (BENJAMIN, 2006, p. 669).

No entanto, o falanstério não possuía nem encarnava o conceito de massa. E não é por causa de um igualitarismo. Aliás, no falanstério havia distinções sociais, onde a riqueza era determinada pelo tipo de trabalho. Isso em termos meramente ideais. No falanstério-teste, Fourier pensava na divisão social por riqueza financeira trazida do “mundo exterior”.

Para Fourier (1972a, s/n), no falanstério-teste (Falange), “pelo menos, 7/8 de seus membros devem ser pessoas envolvidas na agricultura ou na indústria. O restante consistirá de capitalistas, intelectuais e artistas”. No entanto, “a Falange será má graduada e com dificuldades para balanceá-la se, entre seus capitalistas, houver vários de 100 mil francos e vários de 50 mil francos sem nenhum com fortuna intermediária”. (FOURIER, 1972a, s/n)

Assim, ao invés de pensar em uma desapropriação de rendas individuais para tornar apenas uma renda comunal, Fourier (1972a, s/n) acredita que, “nessas circunstâncias, devemos tentar achar homens com fortunas de 60, 70, 80 e 90 mil francos. A mais precisamente graduada Falange possui o maior nível de harmonia social e os maiores lucros”.

Ou seja, Fourier não pensa em nem na constituição de uma sociedade massiva, nem muito menos proporcionar participação e contato direto entre massa e elite. Aliás, o falanstério representaria exatamente o contrário disso, pois haveria pequenos quartos “para encorajar pequenos encontros de grupo (...). Esse sistema é muito diferente daqueles que são empregados nas nossas amplas Assembleias onde, mesmo nos palácios dos reis, todos são jogados juntos de acordo com o sagrado princípio filosófico da igualdade. Esse princípio é completamente intolerável na Harmonia” (FOURIER, 1972b, s/n)⁵.

Mesmo com seus princípios que renegam o igualitarismo, Fourier é considerado um dos pais do Cooperativismo. No entanto, o Cooperativismo enquanto forma de se aproveitar a sabedoria da massa como força de produção para si própria estará em um outro socialista utópico contemporâneo de Fourier e Saint-Simon: Robert Owen.

O galês Owen não pode ser considerado um socialista utópico da mesma linhagem dos seus dois colegas franceses, marcando inúmeras diferenças entre eles, inclusive o fato de ter duas fases de pensamento bem demarcadas. Só que isso não basta para retirá-lo do rol do Socialismo Utópico, pois ele, como bom filho da Revolução Industrial, acreditou “que as máquinas a vapor iriam ou arruinar o país ou, se propriamente guiadas, poderiam prover fartura e lazer para todos” (*apud* OWEN, 1991a, s/n).

Inicialmente, a postura do *self-made man* Robert Owen era de um filantropista na gerência de sua fábrica têxtil em New Lanark (Escócia). Nessa sua primeira fase, que está situada nas décadas de 1800 e 1810, Owen “procurava erradicar o vício sem punição e sem ameaças religiosas, através da oferta de uma boa educação e um ambiente de trabalho e de vida razoável para seus funcionários” (CLAEYS, 1991, p. ix).

Ao transformar New Lanark em uma vila operária modelo, Robert Owen estava apenas colocando em práticas suas reflexões acerca das ideias de Jeremy Bentham, um de seus sócios na empreitada e um dos maiores pensadores no rol dos utilitaristas e liberais. Podemos dizer, no limite, que New Lanark tem o mesmo objetivo moral do

5 Harmonia é o nome dado pelo próprio Fourier ao que podemos chamar de seu sistema social utópico.

Panótipo de Bentham – usar a engenharia científica para curar as mazelas sociais da massa, seja na pobreza (Owen), seja no crime (Bentham).

New Lanark vira um ponto de peregrinação para os reformistas sociais devido ao seu grande sucesso, tanto financeiro como socioeducacional. Desse último aspecto, os símbolos máximos eram a ausência de tensões vinculadas ao alcoolismo e ao sistema educacional com as crianças, que tinham uma rotina de trabalho bem menor que a média britânica. Era uma educação que evitava recompensas e punições fazendo o conhecimento “divertido” para as crianças e usando vários objetos demonstrativos para o ensino. Há relatos, provenientes das dúzias entre os milhares de visitantes a New Lanark nesses anos, que notaram a felicidade e a inteligência das crianças (CLAEYS, 1991, p. xi).

No entanto, o ano de 1817 seria de mudanças no pensamento de Owen. Conectando suas teorias de educação sem punição aos novos desenrolares econômicos, Owen por volta de 1820 demandou a realocação dos desempregados proletários em vilas ‘cooperativas’ experimentais, engajadas tanto na agricultura quanto na manufatura e dividindo a produção em comum. Convenciona-se a data de 1817, pois foi nesse ano que ele inicia uma campanha política por suas vilas, principalmente em agosto desse ano, quando ele publicamente, no famoso encontro na City of London Tavern, desafia seus oponentes clericais (CLAEYS, 1991, p. xii-xiii).

Em sua autobiografia, Owen (1857, p. 129) afirma que já em 1816 tomava café-da-manhã com diversos economistas – em sua maioria, Whigs, incluindo o próprio Jeremy Bentham – e “buscava convencê-los que uma educação e emprego nacionais poderiam sozinhos criar uma população permanentemente racional, inteligente, rica e superior e que esses resultados só poderiam ser alcançados com uma organização científica do povo unidos em *vilas de unidade e cooperação*”.

No entanto, esses economistas – incluindo provavelmente Bentham, graças aos seus textos que temos conhecimento –, “ao contrário, queriam fortemente convencê-lo a suas visões de instruir o povo sem ajudá-los em um programa nacional unificado de emprego e inseridos em um exaustivo sistema de competição individual” (OWEN, 1857, p. 129).

É nesse momento que Robert Owen sai do utilitarismo liberal para um socialismo com bases no necessitarismo filosófico, pelo qual Owen afirmava que ao invés dos indivíduos serem responsáveis por suas ideias e ações, essas era, na verdade,

determinadas pelo ambiente delas. “‘O caráter do homem é formado para ele, e não por ele’, era uma palavra de ordem recorrente de Owen” (CLAEYS, 1991, p. xxiii).

Assim, apenas na massa cooperativa, era que o homem poderia estar livre das mazelas sociais, morais e financeiras. Muito mais do que em sua primeira fase, Owen desenha aqui um conceito de massificação único dentro do socialismo utópico. Levando em conta o fato de que não há vislumbre de participação das massas em Fourier – graças a manutenção da hierarquia social e, logo, implicando na não-existência de um conceito de massa em seu pensamento –, Owen se distancia dele por claramente favorecê-las.

Na linha de raciocínio de Gregory Claeys (1991, p.xxx), Robert Owen lutava pelos “direitos da maioria laboriosa contra a minoria opressora e ociosa, tal como vimos. Mas ele normalmente constrói esses ‘direitos’ mais em termos do direito específico do trabalhador ao seu produto e menos, especialmente na sua primeira fase, em termos de direitos políticos ou civis”.

Isso se deve que ao fato de que Robert Owen via o problema das mazelas sociais como puramente econômico, já que em seus escritos, nós encontramos a primeira expressão de numerosas ideias que foram elaboradas pelos socialistas ingleses tal como Gray, Hodgskin e Thompson e que desempenham um grande papel no desenvolvimento da teoria socialista (MORTON *apud* OWEN, 1963, p. 92).

Assim, “para aliviar a pobreza” – mote de diversos títulos de artigos de jornal de Owen – seria necessário valorizar o trabalho das classes laboriosas, tal como se retornasse essa proto-mais-valia teorizada pelos socialistas utópicos ingleses. Esse retorno de mais-valia, para Owen, só se daria na transformação da massa em massa cooperativa. O papel do econômico na solução das tensões e mazelas sociais está para Owen assim como o papel do moral está em Saint-Simon.

Vemos assim um desenho, na massa cooperativa de Robert Owen, do vértice do conceito de massificação. Ao se constituírem em *vilas de unidade e cooperação*, as massas – em cooperação – conseguiriam ter o verdadeiro vislumbre de participação, especialmente no principal ponto: nos resultados do trabalho. Para Owen, essas vilas deveriam ser dirigidas por todos. Assim, “Owen não aceitava a noção de hierarquia baseada em uma meritocracia industrial, tal como o fundador de outra escola socialista, Henri de Saint-Simon, sugeriu. Todos deveriam participar do governo automaticamente, sem nenhuma necessidade de mudanças bruscas de regime” (CLAEYS, 1991, p. xxviii).

Isso, para Owen, não significava democracia. Gregory Claeys (1991, p. xxix) lembra que “democracia para Owen implicava em discordâncias, competição,

irracionalidade e desarmonia. Eleições, em particular, ele se opunha como os separatistas. ‘Socialismo’ implicava o cultivo de virtudes sociais e na abolição de tais competições, removendo ‘o germe de todo partidarismo da sociedade’, tal como dissera Owen”.

Esse vislumbre de participação ampliaria quando toda a sociedade fosse formada pelas *vilas de unidade e cooperação*. Em um projeto de Constituição Universal, Robert Owen (1991b, p. 368-369) afirma, logo na Lei primeira, que “todos devem ser igualmente providos, por toda a vida, com o melhor de tudo da natureza humana, através de acordos públicos; esses acordos serão feitos de maneira a prover as melhores direções para a indústria e talentos de todos”. Assim, através de várias massas cooperativas se formaria uma massa global cooperativa.

A Comunicação Social – não só no vértice do conceito de massificação presente na massa cooperativa owenita, mas também na própria teoria de Robert Owen – possui um amplo destaque nessa Constituição Universal. Na Lei vigésima-sétima, Owen (1991b, p. 372) escreve que “essas vilas devem ser arranjadas de tal forma para proporcionar a todos os seus membros, a cada um deles, o máximo possível, as mesmas vantagens; e também proporcionar a facilitação da comunicação entre cada um”.

Essa Comunicação Social ampla e irrestrita foi, em escala devidamente muito menor, implementada por Robert Owen enquanto projeto público em sua defesa de seu *Projeto de Medidas para o Imediato Auxílio aos Pobres*, de 19 de setembro de 1817. No seu discurso, ele anuncia a criação do jornal *Mirror of Truth*, “que será publicado quinzenalmente, onde todas objeções ao Novo Estádio da Sociedade serão candidamente respondidas e todas as dúvidas acerca de sua verdade e resultados felizes removidas” (OWEN, 1991c, p. 230).

Nesse jornal, afirma Owen (1991c, p. 230), “os partidários do Velho e do Novo Sistema serão *igualmente* admitidos; imparcialidade estrita para a cândida representação de cada classe, seita e partido irá caracterizar todos os procedimentos; e, como *somente a Verdade*, é o objeto em vista, a mais inteligente oposição é altamente solicitada”.

Assim, para Owen, a massa coletiva é o representante máximo de uma sabedoria das massas, posição Verdadeira da engenharia social. O interessante é que essa sabedoria parece transcender rumo a uma sabedoria da cooperação e não dos indivíduos que compõem a massa. A massa existe aqui ora como representante da forma social que os pobres devem estar para buscar sua emancipação social, ora como encarnação simbólica da cooperação, a verdadeira sabedoria social.

Referências bibliográficas

BENJAMIN, W. *Passagens*. Belo Horizonte/São Paulo: ed. UFMG/Imprensa Oficial, 2006.

CLAEYS, G. “Introduction”. In: OWEN, R. *A New View of Society and Other Writings*. London: Penguin, 1991.

FOURIER, C. “The Establishment of a Trial Phalanx”. IN: BEECHER, J. & BIENVENU, R. *The Utopian Vision of Charles Fourier*. London: J. Cape, 1972a.

FOURIER, C. “The Phalanstery”. IN: BEECHER, J. & BIENVENU, R. *The Utopian Vision of Charles Fourier*. London: J. Cape, 1972b.

OWEN, R. *The Life of Robert Owen written by himself*. London: E. Wilson, 1857.

OWEN, R. *Textes Choisis* (notas: A.L. Morton). Paris: Editions Sociales, 1963.

OWEN, R. *A New View of Society and Other Writings*. London: Penguin, 1991a.

OWEN, R. “On Social Reorganization [from *The Revolution in the mind and practice of the human race* (1849)]”. In: OWEN, R. *A New View of Society and Other Writings*. London: Penguin, 1991b.

OWEN, R. “Adress dated Setember 19th, 1817; On Measures for the immediate relief of the poor”. In: OWEN, R. *A New View of Society and Other Writings*. London: Penguin, 1991c.